

## Preconceito racial no esporte nacional\*

Fabício Gregório \*\*1  
Universidade Federal de São Carlos

Beatriz Medeiros de Melo \*\*\*2  
Universidade Federal de São Carlos

**Resumo:** O esporte, enquanto fenômeno social, reflete as relações sociais estabelecidas na sociedade. Embora este possa parecer um campo onde o negro consegue se incluir e ter uma ascensão social, através de um olhar mais cuidadoso pode-se perceber o preconceito contra a pessoa negra, que enfrenta no campo esportivo as mesmas discriminações sofridas na sociedade. Veremos que em alguns esportes a grande maioria dos atletas é branca, os negros são quase que totalmente excluídos. Nos esportes populares, de outro modo, embora o negro venha se destacando, após o término da carreira de atleta, ele não obtém o mesmo sucesso no campo técnico ou da administração esportiva. Analisamos também o contraste entre os Jogos Olímpicos e a cultura afrodescendente e por fim o papel da mídia no reforço dos estereótipos.  
**Palavras-chave:** esporte, preconceito racial, inclusão social.

**Abstract:** The sport as a social phenomenon, reflects the social relations in society. Although this may seem a field where black can be included and have a social mobility through a more careful look can be perceived prejudice against black people, facing the sports field suffered the same discrimination in society. We will see that in some sports the vast majority of athletes are white, blacks are almost totally excluded. In popular sports, otherwise though the black will be highlighting, after the athletic career, he did not get the same success in the technical field or sports administration. We also analyzed the contrast between the Olympic Games and Afro-descendant culture and finally the role of media in reinforcing stereotypes.  
**Keywords:** sport, racial prejudice, social inclusion.

### Introdução

A sociedade brasileira vive o mito da democracia racial, termo que destaca a persistência do preconceito apesar da intensa mistura étnica que prevalece (ademais das diferenças regionais) no Brasil. O esporte como microcosmo da sociedade, absorve e reproduz

---

\*\* Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais. Trabalho que recebeu  
Menção Honrosa

\*\*\* Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais. Trabalho que recebeu  
Menção Honrosa

\*\*\*\* Doutora em Sociologia pela UFSCAR, Pós-doutoranda e Professora Colaboradora pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar. Orientadora do Trabalho.

as discriminações e desigualdades que estão a sua volta. Através do estudo sociológico do esporte pode ser observado o preconceito e os estereótipos raciais que estão presentes em todos os setores da sociedade brasileira.

A análise do preconceito racial no esporte visa evidenciar a situação da população negra nesse campo social. Analisaremos, nesse artigo, o lugar que o negro ocupa nos esportes nacionais, a forma como os afrodescendentes se relacionam com as modalidades esportivas e como acontecem as situações de preconceito racial dentro do esporte. Através dessa análise poderemos observar os comportamentos preconceituosos e de que forma os esportes africanos são incluídos nessa sociedade dominada por um pensamento eurocêntrico e pelos processos de embranquecimento. Este artigo tem a função de contribuir para o pensamento crítico sobre o lugar do negro no esporte, fazendo uma análise sobre a diversidade racial nas diversas modalidades esportivas e sobre as diferenças e desigualdades que ocorrem no esporte. Esperamos que este estudo contribua para a dissolução de preconceitos e estereótipos no ambiente esportivo, tomando o esporte como um caminho de inclusão social.

O trabalho tem como objetivo principal identificar como ocorrem os processos de inclusão e exclusão da pessoa negra nos esportes nacionais. Através de pesquisa bibliográfica, este trabalho teve a intenção de levantar uma gama ampla de elementos que ajudam a pensar sobre a questão. Não nos aprofundaremos em nenhum esporte específico e nem em alguma questão mais pontual. Mas buscaremos construir um panorama da questão que sirva para alimentar as reflexões de pessoas que desconhecem o modo como o preconceito e a discriminação se manifestam dentro do esporte ou que os tomam como processos “naturais”, introjetando assim a discriminação e a exclusão.

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo teve como base uma pesquisa qualitativa através de amplo levantamento bibliográfico de textos científicos produzidos nos últimos anos e também de obras clássicas sobre a importância social do esporte e o papel do

negro no esporte. Através desses textos foi possível conhecer as opiniões de vários autores sobre a temática aqui discutida. Assim buscamos o embasamento teórico para a elaboração de um texto que contemple a temática sugerida para reflexão neste trabalho.

### **Esporte como fenômeno social e espetáculo da civilização**

Podemos citar o esporte como um fenômeno social do mundo moderno, passando de uma organização e prática amadora à atividade profissional: atletas cada vez mais bem preparados, recursos de última tecnologia, uma industrialização extraordinária, um mercado de bens, produtos e serviços para o lazer e entretenimento. Assunção et al. (2010: 93-94) relata que existe uma parcela significativa e crescente da população envolvida com o esporte. Segundo Almeida et al. (2012) o esporte está incrustado na sociedade, tornando-se um meio indispensável para a formação do homem e para a convivência em sociedade. O esporte criou uma oportunidade onde as unidades sociais podem estar juntas, competindo de maneira civilizada, efetuando, por vezes, disputas onde existe um alto grau de rivalidade, mas as regras são cumpridas e o adversário não é mais considerado como um inimigo.

Para Assunção et al. (2010: 93), o esporte não pode ser pensado apenas como um fenômeno biofisiológico, ele é um espetáculo do mundo moderno, está presente no cotidiano das pessoas e movimenta um grande mercado de bens, produtos e serviços. A relação de cada indivíduo com o esporte é diversa: para alguns, como treinadores, atletas de alto nível, técnicos, dirigentes, empresários, médicos, fisioterapeutas, fisiologistas, psicólogos, educadores físicos, dentre outros profissionais, ele é uma fonte de renda; para outras pessoas, o esporte é fonte de lazer e diversão, proporcionando momentos agradáveis no tempo livre; para outros, o esporte é um caminho para a melhora do condicionamento físico e manutenção da saúde, traz um aumento da autoestima e da sensação de bem-estar; existe também a relação de consumo, onde as pessoas que acompanham o esporte, principalmente através da mídia,

fazem uso dos produtos esportivos, e mesmo que não pratiquem alguma modalidade esportiva, são fiéis consumidores da marca esporte. Há ainda várias outras formas de relacionamento com o esporte, sendo que este pode cumprir funções sociais, educacionais, recreativas, ideológicas, políticas, culturais, econômicas e simbólicas.

Para Elias e Dunning (1985: 322-323) o aumento significativo do valor do esporte se deve ao seu desenvolvimento como um dos principais meios de criação e excitação social, sua transformação em um modo de identificação coletiva e em um valor essencial na vida de uma parcela relevante da sociedade. Ninguém pode negar a capacidade deste espetáculo da civilização moderna, não há dúvidas sobre a importância mundial dos Jogos Olímpicos e das Copas do Mundo de Futebol, esporte que pode ser considerado como uma linguagem mundial (ELIAS e DUNNING 1985: 18).

Almeida et al. (2012: 144) relata que quando Pierre de Coubertin idealizou os Jogos Olímpicos modernos, inseriu diversas formas de espetáculos culturais como poesias, artes plásticas e músicas concomitantemente com as competições. Até hoje temos, na abertura e no encerramento das competições, apresentações de dança e música, que garantem grande audiência, mas, atualmente, o esporte se transforma de coadjuvante de outras esferas sociais, para ter um papel protagonista, utilizando-as para seu próprio crescimento. No Brasil não é diferente. Almeida et al. (2012: 144) cita que, como em outros países, o esporte passou a ser parte fundamental da cultura, ele é colocado como uma forma de representação da identidade nacional, incorporando os valores sociais, e se transformou em um grande espetáculo cultural.

O profissionalismo e o alto rendimento são a representação do esporte de massa, onde este se espelha. Através da mídia as pessoas veem e conhecem novos esportes, se sensibilizam com atletas de alto nível e adaptam as práticas esportivas às suas condições. Devido a essa transformação do esporte de elite para o esporte de participação, ele atinge uma grande massa. Para Almeida et al. (2012: 143) a partir da sua popularização e ampliação do número de

participantes, os Governos passam a encará-lo com mais seriedade e aumentam os incentivos para a sua prática. Do mesmo modo, a mídia percebe a audiência que o esporte pode atrair e dedica maior tempo de transmissões esportivas e programas relacionados ao esporte.

A sociologia negligenciou o fenômeno social do esporte durante muito tempo. Para os sociólogos a prática esportiva não era um espaço de problemas sociais e não constituiria uma propriedade básica do sistema social, deixando as pesquisas na área esportiva para os especialistas em educação física. Segundo Elias e Dunning (1985: 12), apenas recentemente o esporte se tornou objeto de estudos sociais, pois a sua dinâmica pode servir para análise da sociedade em que ele está inserido. O esporte, desde a Grécia Antiga, pode ser entendido como um microcosmo da sociedade. As desigualdades encontradas nele, são reflexo de relações sociais presentes na sociedade. (ELIAS e DUNNING, 1985: 86-87).

A análise social do esporte nos permite observar o comportamento dos esportistas, em uma tensão controlada, com forças opostas como a competição e a cooperação, harmonia e conflito. O comportamento social pode ser observado não apenas nos esportistas, mas também nos espectadores. Segundo Assunção et al. (2010: 97) torcedores de um mesmo time têm acentuado seu sentimento de identificação social, quando as pessoas compartilham o envolvimento com o esporte, adquirem vivências e sentimentos coletivos. O esporte é um espaço de construção e reafirmação de identidades, reproduzindo a lógica da sociedade.

Não se pode analisar um determinado esporte sem considerar o conjunto das práticas esportivas. No mundo do esporte cada elemento tem um valor específico e relevante e está intimamente ligado a outros elementos, e as práticas esportivas também são ligadas aos sistemas sociais. Para Bourdieu (1983, apud LIMA e NIERO, 2011: 130) o esporte seria um campo social, onde ocorrem interações entre indivíduos, grupos e estruturas sociais. Nesse espaço ocorrem constantemente disputas pelo poder, e essas disputas são reguladas por regras específicas e princípios de hierarquia. Indivíduos ou grupos que estão no poder se esforçam

para a manutenção desse padrão, enquanto outros, que têm menor prestígio, lutam constantemente para adquirem um maior poder. Ainda segundo Bourdieu (1983, apud LIMA e NIERO: 2011) cada campo social tem sua autonomia, história, evolução, política, economia, ambiente, leis, regras, crises e seu tempo específico, mas, apesar de toda esta distinção, cada campo, apesar de ter suas particularidades, está interligado a outros campos, e empresta sentido deles. Neste sentido o esporte é entendido como uma esfera da sociedade como a cultura, a economia e a política, cada esfera se articula com outras esferas. Portanto, embora o esporte sofra a influência da sociedade, ocorre também o inverso, onde, o esporte também tem influência sobre ela (PIRES, 1998: 26).

### **Esporte como forma de ascensão social**

O esporte sempre foi alvo de discriminações sociais, no entanto, na atualidade, embora algumas modalidades esportivas continuem sendo reservadas à elite outras modalidades, os esportes populares, se tornaram uma chance de ascensão social para atletas das baixas classes sociais. Nesse sentido, é importante destacar o significado que cada classe social dá ao esporte. Segundo Assunção et al. (2010) enquanto que nas classes sociais mais elevadas, o esporte é praticado por lazer, sociabilidade, estética, qualidade de vida e para ostentar certo status e posição social, nas camadas mais populares, crianças e adolescentes procuram nele um caminho para a ascensão social, uma maneira de transpor as barreiras culturais e sociais, se submetendo aos “peneirões” das categorias de base de equipes profissionais.

A carreira esportiva é um instrumento de ascensão social para alguns indivíduos das classes populares. A passagem do amadorismo para o profissionalismo no futebol, nos anos trinta, é marcada pela invasão de atletas de origens populares. Os caminhos vão sendo abertos para os jovens das camadas sociais mais baixas e o esporte se torna um instrumento de ascensão social. Independente do poder econômico ou do nível escolar, alguns atletas

conseguem, através de suas habilidades, ascender socialmente, e obtém, além de recursos financeiros, prestígio e fama, ingressam num mundo ao qual dificilmente teriam acesso, não fosse a oportunidade que o esporte proporcionou (ASSUNÇÃO et al. 2010: 97-98).

Pires (1998: 27) relata que a profissionalização do esporte transformou o mundo esportivo em mundo de trabalho, ao menos para aqueles que têm no esporte o seu sustento, como atletas, dirigentes, etc. Esse fato alterou profundamente as relações dos esportistas, gerando uma competitividade excessiva, pois as conquistas dentro do campo esportivo geram conquistas fora dele, principalmente no campo financeiro.

Segundo Assunção et al. (2010: 95) o sonho de muitas crianças das classes sociais baixas de se tornarem jogadores de futebol profissional reconhecidos pela sociedade e sair do padrão de pobreza não se torna realidade para grande parte dos atletas. Primeiro porque nem todo garoto que sonha em se tornar um grande jogador e viver do esporte consegue atingir esse objetivo. Pelo contrário, entrar no mundo dos atletas de alto rendimento é muito concorrido, difícil e não é para todos. Outro fato até surpreendente é que mesmo que se torne um atleta profissional, o problema financeiro não estará resolvido, pois mais da metade dos atletas de futebol profissional do Brasil recebem até um salário mínimo e apenas 6% dos atletas recebem mais de dez salários mínimo.

### **Esportes, diferenças e desigualdades sociais**

Ao contrário dos discursos populistas e demagógicos, o esporte como fenômeno social moderno reproduz a segregação social, classificando e dividindo pessoas, distinguindo os universos sociais. Pires (1998: 26) relata que desde a origem do esporte moderno na Inglaterra ele serviu como espaço de segregação social. Na sociedade inglesa, algumas modalidades esportivas só eram praticadas pela burguesia, enquanto outras, pelas baixas classes sociais.

Para analisar o esporte e os atletas temos que refletir sobre as relações sociais de poder e de estratificação social. Para Pires (1998: 28) há interesses específicos das elites nos meios esportivos. As classes dominantes constroem regras de controle social, definindo limites para as relações que cada classe pode estabelecer com o esporte, como por exemplo, o alto custo dos materiais esportivos e a dificuldade que as pessoas de baixo poder aquisitivo têm para ter acesso às estruturas necessárias para a prática de alguns esportes. Assim, impede-se que indivíduos das classes mais baixas possam estabelecer relações com a camada mais alta da sociedade, mantendo os privilégios das elites com o antigo discurso cheio de estereótipos, repetido sistematicamente através dos anos de que a divisão entre as classes sociais seria um processo justo e natural e que a democratização do esporte poderia levar à sua decadência, sugerindo que a criatividade e os padrões morais são restritos às altas classes sociais.

Para Assunção et al. (2010: 95) a discriminação de classe se dá através das condições para que a prática esportiva seja realizada. Os recursos financeiros, patrocínios, incentivos, tipos de treinamento, material esportivo, profissionais capacitados para o apoio à prática esportiva são bem distintos entre as classes sociais. O atleta que tem baixo poder aquisitivo dificilmente tem acesso à infraestrutura adequada, aos materiais mais sofisticados para a prática do esporte e aos profissionais que são essenciais para uma boa performance como médicos, fisiologistas, fisioterapeutas, nutricionistas, técnicos e psicólogos. Dependendo da modalidade esportiva, essa discrepância entre as classes sociais fica mais acentuada.

A exclusão social é evidente no ambiente esportivo, sendo acompanhada pela exclusão étnico-racial, esses dois processos de desigualdade são uma face da mesma moeda e se reforçam mutuamente. A ideologia do mito da democracia racial tenta mitigar este fato através do senso comum de que a miscigenação racial resultou na integração entre as raças.

Embora seja difícil definir quem é negro no Brasil, pois, muitos indivíduos negros interiorizam o ideal do branqueamento, negando suas identidades negras. Munanga (2004:

52) diz que o conceito de negro tem fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não fundamento biológico. Assunção et al. (2010: 94) revela que as diferenças étnico-raciais marcam a realidade esportiva.

Os padrões de acesso e participação da população negra, em certas modalidades, são desiguais se comparados à população branca. Em algumas modalidades esportivas praticamente não há pessoas negras. Podemos citar como alguns exemplos o hipismo, o golfe, a natação, o automobilismo, o pólo aquático, o tênis e outros esportes considerados esportes “finos”, ou seja, da classe dominante. Já outros esportes considerados esportes populares como o atletismo, as lutas e uma boa parte das modalidades coletivas como futebol, basquetebol e handebol, são praticados mais comumente pelos afrodescendentes.

O processo histórico de discriminação racial pode ser observado no ambiente esportivo através da exclusão que o negro enfrenta para praticar determinadas modalidades esportivas. Nos próximos tópicos iremos falar sobre o duro processo de inclusão que os negros enfrentaram e ainda enfrentam, mesmo provando sua habilidade para a prática esportiva. Falaremos especialmente do processo de inclusão da população negra no futebol, do processo de inclusão de uma atividade física de origem afrodescendente, a capoeira, dentro do ambiente esportivo, e da participação dos negros nos cargos técnicos e na sua atuação nos Jogos Olímpicos. Por fim, analisaremos ainda o papel da mídia no reforço dos velhos estereótipos racistas que seria uma generalização excessiva a respeito do comportamento e das características das pessoas negras.

### **O processo de inclusão nos esportes nacionais**

Goellner et al. (2009) cita em sua obra que em uma sociedade justa todas as pessoas, independente das diferenças existentes entre elas, teriam direitos iguais. A diversidade de raças e etnias deveria ser vista como uma qualidade do povo brasileiro e todos os cidadãos

deveriam ser respeitados e terem seus direitos garantidos, independentemente de sua raça e etnia, gerando assim, uma democracia racial real. Para que o esporte seja um objeto de valorização da diversidade e inclusão social e étnico-racial é preciso identificar e discutir os modelos discriminatórios e os estereótipos construídos culturalmente e presentes nas sociedades que controlam e imobilizam os papéis dos negros, brancos, índios e também dos ricos e dos pobres. É necessário lutar constantemente contra a injustiça e a desigualdade étnico-racial, criando condições para o enfrentamento da discriminação e do preconceito racial que é o julgamento negativo e antecipado de determinado grupo racial. É preciso disseminar conceitos, comportamentos e atitudes igualitárias, proporcionando a toda sociedade condições de igualdade de acesso aos esportes, respeitando as diferentes tradições e culturas de todos os grupos étnico-raciais.

Analisando a história da população negra no esporte brasileiro, podemos perceber que ela conseguiu se inserir e ter uma boa representatividade em alguns esportes. Uma pequena parte dos negros consegue, através do esporte, alcançar uma ascensão social. Mas, embora o desempenho dos negros seja reconhecido em certos esportes, ele ficou restrito somente à algumas modalidades, devido à falta de recursos financeiros, que reforça a diferença social e o preconceito racial.

O negro era considerado como um ser inferior pelo movimento evolucionista que considerava os negros como primitivos, e pelo movimento eugênico que tinha como objetivo a correção das degenerações humanas e considerava a raça negra como uma dessas degenerações (OLIVEIRA, 2008). Através dos esportes nos quais o poder econômico não é fator determinante, como o atletismo, o boxe e o futebol, o negro passa do papel de inferioridade para o papel principal, um exemplo a ser seguido, e assim atinge o patamar de ídolo (OLIVEIRA, 2008).

A participação do negro no ambiente esportivo e, principalmente, o rendimento surpreendente de alguns atletas negros em certas modalidades, despertou o interesse de cientistas, biólogos e outros pesquisadores da área. Segundo Oliveira (2008) inúmeras pesquisas foram realizadas para explicar os excelentes resultados de atletas negros no esporte. Tais pesquisas são quase que exclusivamente voltadas às individualidades biológicas dos africanos e afrodescendentes. Os indivíduos foram analisados em suas características genótípicas e fenótípicas para determinar aquela modalidade esportiva na qual ele poderia apresentar melhor rendimento, assim como os métodos de treinamento que o levariam ao máximo rendimento.

Apesar de o negro ganhar destaque através do esporte, o fato de a população negra não conseguir se inserir em todo o ambiente esportivo, ficando restrita em algumas modalidades, acaba reforçando os estereótipos biologizantes. Alguns estudiosos defendem a ideia de que a genética do negro é a base para o alto rendimento em algumas modalidades, pois sua estrutura óssea, seu sistema muscular, seu metabolismo, seriam diferentes se comparados aos atletas brancos. Segundo Oliveira (2008) as pesquisas no âmbito fisiológico, cinesiológico e anatômico dentro do campo esportivo, dividiram o afrodescendente em sistemas de funcionamento isolados. Um exemplo pode ser dado na explicação do alto desempenho de atletas negros velocistas, que seria proveniente do seu alto percentual de fibras rápidas, quadril mais estreito, quadríceps mais robusto e pernas mais finas, compondo uma melhor aerodinâmica para o deslocamento em velocidade. Os pesquisadores tentam separar cientificamente o negro do branco, atribuindo as qualidades e as deficiências genéticas de cada raça em relação ao esporte.

Alguns cientistas questionam o mérito do atleta negro. Segundo eles, o bom desempenho em competições seria fruto de sua genética. Estes estudos ignoram a capacidade mental e física do negro, atribuindo seu sucesso a características inatas e não ao esforço

individual do atleta e ao processo cultural em que ele está inserido. Hofbauer (2006: 120-121) afirma que as pesquisas sobre a genética do negro sempre foram polêmicas. Enquanto alguns pesquisadores defendiam a tese de que não haveria provas sobre a suposta superioridade do homem branco, mais precisamente o europeu, muitos pesquisadores afirmavam que o negro seria geneticamente inferior, um ser menos evoluído. A raça caucasiana seria a base da humanidade, enquanto as outras seriam degenerações dessa raça.

Grande parte desses estudos sobre a eficácia do negro em alguns esportes ignora completamente os processos culturais, sociais e geográficos. Segundo Oliveira (2008) estas pesquisas deixam de lado as circunstâncias desfavoráveis em que a população negra foi submetida ao longo da história, que a colocou na dependência de seu corpo: era preciso ser forte para o trabalho duro e forçado. Para Hofbauer (2006: 122) muitos autores relatam que as diferenças entre as raças poderiam ser causadas pelo meio ambiente específico, onde cada uma vive. As diferenças entre as diversas raças seriam o fruto das adaptações do ser humano às regiões que habita. Essa teoria tira a raça negra de uma posição de inferioridade e a coloca numa posição em que as diferenças são compreendidas e respeitadas.

Nos últimos anos, embora de forma lenta, os velhos estereótipos estão caindo. Tanto no Brasil como em todo o mundo vários acontecimentos vêm rompendo com certas representações, tanto no campo social como no campo esportivo. Muitos indivíduos de descendência negra conseguem se destacar em esportes que até então eram de domínio absoluto de atletas brancos das altas camadas sociais. Podem ser citados vários exemplos, como o caso das irmãs Williams no tênis, no golfe com Tiger Woods e até mesmo em um dos esportes mais caros do mundo, considerado um lugar de gente rica e branca, que é a Fórmula-1 com Lewis Hamilton (OLIVEIRA 2008). No Brasil também temos casos de atletas negros se destacando em esportes de elite como Rogério Clementino no hipismo, Edvaldo Valério na natação, entre outros.

Além dos negros virem se destacando nos esportes de origem europeia e norte-americana, há nos últimos anos uma atividade física de origem afrodescendente começando a se expandir pelo mundo. A capoeira, historicamente discriminada, recentemente vem sofrendo um processo de inclusão no mundo esportivo. Embora não seja, ainda, reconhecida como um esporte olímpico e que alguns autores nem mesmo a considere como um tipo de esporte, o número de praticantes tem aumentado significativamente, não apenas no território nacional como também em outros países. Mesmo que há, na atualidade, uma grande discussão sobre considerá-la como um esporte ou como dança, a capoeira é considerada uma das práticas corporais mais complexas e completas do mundo e requer poucos recursos financeiros para sua prática. Para Lussac e Tubino (2009: 13-14) a capoeira faz parte da história e da cultura brasileira e pode ser compreendida como arte, dança cultura, luta, arte marcial, jogo, esporte, música, folclore, filosofia.

Segundo Lussac e Tubino (2009: 8) e Filho (2009: 2) existem muitas controvérsias sobre a origem da capoeira. Não há documentação que comprove se ela veio da África com os escravos ou se ela surgiu no Brasil, ou ainda, se foi uma transformação dos movimentos corporais de várias etnias africanas que se misturaram e foram aprimorados pelos africanos em nosso país. No Brasil as várias etnias africanas foram misturadas para que perdessem suas raízes e não pudessem se organizar contra a elite branca, pois não falavam a mesma língua e muitas vezes eram inimigas no velho continente. Talvez essa mistura tenha resultado na junção de diversos movimentos corporais de luta para o enfrentamento aos brancos.

Para Lussac e Tubino (2009: 8-9) a partir do século XIX a capoeira passa a se tornar popular. No começo do século, não apenas os negros a praticavam, como também os mestiços e os índios. Já no final do século XIX via-se até mesmo imigrantes europeus e membros da elite conheceram e praticaram a capoeira. Mas ela era percebida de modo diferente por uns e outros. Para alguns intelectuais ela já era vista no final do século XIX como uma luta

brasileira, despertando o sentimento nacionalista. Para as autoridades ela era considerada um crime e ficou proibida de ser praticada em locais públicos a partir de 1890 (LUSSAC e TUBINO, 2009; FILHO, 2009: 4).

No ano de 1937 foi reconhecida oficialmente a primeira academia de capoeira criada no Brasil, depois de cinco anos de existência. E neste mesmo ano o Presidente Getúlio Vargas libera novamente a sua prática (FILHO, 2009: 6). Em 1961 ela passa de uma prática que já havia sido reprimida por forças policiais, para fazer parte do treinamento da Polícia Militar, do antigo Estado de Guanabara. Em 1972 o Ministério da Educação e Cultura entende que a capoeira é uma modalidade esportiva. Desde a década de 70 começam os campeonatos estaduais de capoeira (FILHO, 2009: 7).

Durante o século XX a capoeira sofre um processo intenso de popularização, começa a ser praticada por um público de diversas idades e ambos os sexos nas cerca de 5500 academias espalhadas pelo país. Deixa de ser um meio de treinamento de luta dos antigos escravos e passa a ser olhada como uma atividade desportiva, com todos os benefícios que o esporte proporciona e também se torna um atrativo turístico do Brasil (FILHO, 2009: 10).

Como outros esportes, a capoeira se insere no contexto social, cultural, político e econômico do Brasil. Devido aos processos de esportivização e institucionalização e a sua rápida expansão no país e no mundo ela vem sofrendo diversas transformações. Em 2008 a capoeira foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Agora ela pode ser candidata a patrimônio da humanidade pela UNESCO (LUSSAC E TUBINO, 2009: 13-14).

Atualmente os capoeiristas fazem um grande esforço para que ela seja reconhecida como outras lutas marciais. A Confederação Brasileira de Capoeira já é associada ao Comitê Olímpico Internacional. A capoeira já vem sendo praticada em 48 países e seu objetivo é chegar a 75 países que é um requisito do COI para que ela seja considerada uma modalidade

Olímpica feminina, e 125 países para ser considerada uma modalidade Olímpica masculina. Não há nenhum outro esporte de reconhecida influência africana praticado no Brasil.

### **O negro e o futebol**

O futebol, esporte mais popular do mundo vem, junto com o fenômeno esportivo, transpassando barreiras e, sem dúvida, tem influência na sociedade, em sua cultura e economia. Mas nem mesmo o futebol, principal esporte da sociedade brasileira, considerado uma identidade nacional, escapou da discriminação social e racial. Os negros que são hoje grandes ídolos do futebol mundial, já foram proibidos de praticar este esporte em nosso país.

Segundo Rodrigues (2004: 269) o futebol foi trazido ao Brasil por Charles Miller no ano de 1894, quando este voltou da Inglaterra para São Paulo. Na chegada do futebol ao país, assim como na Inglaterra, ele era praticado exclusivamente pela elite branca, sem a participação de trabalhadores, filhos de escravos e mestiços. O racismo que para Goellner et al. (2009) é a discriminação produzida pelo grupo racial que detém o poder, considerando como inferiores os outros grupos que tenham características físicas diferentes das suas, predominou no futebol por muito tempo, até mesmo na Seleção Brasileira atletas negros eram impedidos de jogar. Caldas (1990 apud RODRIGUES 2004: 272) relata que no ano de 1919, o então Presidente da República Epitácio Pessoa proibiu a convocação de jogadores negros para representar o país.

No começo dos anos 30, ainda continuava a segregação racial. Os afrodescendentes tinham que se disfarçar, inclusive passando pó de arroz no rosto para praticar essa modalidade esportiva. Segundo Neto et al. (1989: 50) o Palmeiras, o Flamengo, o Fluminense, o

Botafogo, são alguns exemplos de grandes times que impediam o acesso do negro à prática do futebol no começo do século passado.

Rodrigues (2004: 273) relata que com o começo do profissionalismo no ano de 1933, os caminhos aos poucos foram sendo abertos para os jovens das camadas sociais mais baixas, o futebol começa a se tornar um instrumento de emancipação social dos negros, possibilitando sua ascensão social, independentemente do seu atual poder econômico e do nível de escolaridade. Os grandes clubes do país se rendem à eficiência dos jogadores negros e mestiços, estes jogadores são habilidosos e se tornam responsáveis por um estilo novo e único de se jogar futebol. Nasce o futebol-arte, onde a improvisação e a extrema habilidade demonstrada nos dribles e fintas superam a capacidade física e tática.

Rodrigues (2004: 276) relata que o famoso e vencedor estilo brasileiro de jogar futebol, onde dribles e fintas são utilizados costumeiramente, na realidade é fruto do racismo neste esporte, pois negros e mulatos tinham que se desviar constantemente dos brancos, não era permitido que houvesse contato corporal do negro com o branco, sob o risco de advertências bastante severas. Esse constante e exigido desvio dos negros e mulatos em relação aos brancos foi se tornando cada vez mais coordenado e eficaz, se transformando nos dribles e nas fintas.

Uma das várias explicações atribuídas à popularização do futebol no país é o fato do grande número de indivíduos negros participarem nesta modalidade e estes terem maior habilidade com os pés, por isso são também reconhecidos na capoeira e no samba. Daólio (1998) questiona esta teoria. Segundo o autor, as teorias sobre a popularização e qualidade do futebol brasileiro, quase sempre, explicam a facilidade do negro no esporte como fruto de seus componentes biológicos, como se o negro fosse dono do gene do futebol e se esquecem de fatores sociais e culturais.

Considerando o ambiente cultural do negro, pode ser observado que ao contrário do que sugerem alguns cientistas, o fator cultural tem relevância na prática esportiva. A agilidade do negro na capoeira não é devido à genética e sim à necessidade histórica que a população negra teve de aprender a lutar para se defender. Para Freyre (2003: 25). Esta habilidade aprendida por necessidade na prática da capoeira pode ter influenciado na prática do futebol, que também necessita de certa agilidade com os pés.

Os fatores socioeconômicos não podem ser ignorados em relação à popularização do futebol e o sucesso da população negra neste esporte. Segundo Daólio (1998) as teorias se esquecem dos fatores socioeconômicos, como o fato de que a maior parte da população pobre do país é afrodescendente e o futebol possui regras simples e fáceis de serem entendidas. Há também o fato de seus equipamentos esportivos poderem ser facilmente adaptados: uma bola oficial, por exemplo, pode ser substituída por um par de meias, uma lata ou uma bola de qualidade inferior com um preço mais barato; as traves podem ser improvisadas com pedaços de bambu ou algum tipo de madeira; as chuteiras são esquecidas, dando lugar aos pés descalços; os uniformes dos times se transformam em “camisa” e “sem camisa”; o campo oficial é substituído por qualquer rua, praça, pasto. Enfim, o esporte é facilmente adaptado às situações de seus participantes.

Outro fator importante da popularização do futebol nacional e do sucesso deste no mundo pode ser a questão de este fazer parte do grupo de esportes onde não há um biotipo padrão que é fator relevante para algumas modalidades esportivas, como, por exemplo, podemos citar o voleibol e o basquetebol, nos quais os indivíduos precisam ser altos, ou ainda o hipismo, no qual o atleta deve ser o mais leve possível. No futebol, devido às suas características, há lugar para os mais altos como os goleiros, os mais fortes têm seus lugares garantidos como zagueiros, os menores são costumeiramente os que têm maior agilidade e conseguem lugar no ataque dos times. Portanto, qualquer que seja o biotipo do atleta, está

apto a jogar futebol, e o Brasil, por sua mistura de raças, tem como atletas jogadores de qualquer tipo físico. A miscigenação que era tida como um fator que dizimaria a população brasileira como relata Gobineau (1874: 369 apud HOFBAUER 2006: 129) agora pode ser vista como uma das várias explicações do sucesso brasileiro na principal modalidade esportiva mundial.

Para Daólio (1998) nem a explicação biológica, nem a explicação funcionalista seriam suficientes para explicar a eficiência do negro no futebol. As explicações sobre as vantagens da raça negra para a prática do futebol e a facilidade para praticar este esporte não seriam por si só razões para o fenômeno de popularidade no país. Houve uma combinação entre as exigências para a prática do futebol e as características socioculturais do afro-brasileiro.

O futebol se tornou um meio utilizado pela sociedade para se expressar, manifestando emoções como paixão e ódio, felicidade e tristeza, prazer e dor, coragem e fraqueza, entre outras. Segundo Daólio (1998) o brasileiro encara o jogo como um espelho da vida: nele, como na vida, há chance de ganhar ou perder, sempre há adversários a serem vencidos, o respeito às regras e às autoridades devem ser cumpridos com o risco de duras punições. O futebol combinou com a cultura do povo brasileiro, o estilo técnico e eficiente do jogo de futebol se adequou às características culturais da população brasileira, tanto é que o futebol representa o povo brasileiro, assim como outros fenômenos como o carnaval e a capoeira. Para retratar este aspecto cultural do futebol basta observar quantas músicas, filmes, peças de teatro, novelas, tiveram o futebol como tema principal. A imprensa escrita, falada e televisiva, dedicam espaço importante ao esporte. A importância do futebol pode ser percebida até mesmo na linguagem cotidiana das pessoas: termos como “pisar na bola”, “fazer o meio campo”, “bater na trave” são expressões comumente utilizadas até mesmo por pessoas que não acompanhem este esporte.

Apesar das conquistas do negro, ganhando seu espaço no futebol, podemos perceber que persiste o processo de exclusão racial e social. Segundo Rodrigues (2004: 274), quando o futebol passa a ser percebido como esporte profissional, os jogadores negros e mulatos eram aceitos nos grandes clubes por sua habilidade, mas não participavam do cotidiano social destes clubes. Dentro dos clubes, o departamento de futebol foi desvinculado dos outros departamentos, atuando separadamente em relação aos outros esportes e principalmente do ambiente social das entidades, este fato acontece até hoje.

A teoria de Rodrigues (2004) pode ser levada para além do futebol profissional. Em clubes e entidades privadas que não têm equipes de futebol profissional, também pode ser percebida esta separação do jogador de futebol e do sócio. Os jovens de classe social baixa e que têm um grande talento esportivo recebem o convite e a permissão para jogarem em clubes privados, participam das escolinhas de futebol, mas esse jovem só pode frequentar o departamento de futebol, não tem acesso às outras áreas do clube, são chamados de sócio-atletas. Eles são usados para darem força às equipes, formam um time junto com os sócios do clube, que são jovens das classes sociais mais altas. O processo de diferença e exclusão se dá quando acaba o jogo ou o treino. Os sócio-atletas voltam para a sua realidade, enquanto seus companheiros de equipe, que têm uma condição financeira elevada, desfrutam de todos os benefícios que o clube lhes proporciona.

### **O negro como técnico e dirigente esportivo**

Nos esportes populares a grande maioria dos atletas tem origem nas classes sociais mais baixas e geralmente têm pouca formação educacional. Como a carreira de atleta profissional não dura muito tempo, depois de encerrada, os ex-atletas se vêem num outro tipo de situação excludente. Poucos deles conseguem continuar trabalhando na área esportiva nos cargos técnicos, de coordenação, direção e gestão. Segundo Assunção et al. (2010: 98), são

poucos os negros que ocupam cargos de gestores. Esse fato é apontado por pesquisas realizadas nos EUA, onde o basquetebol é um dos esportes mais populares e a grande maioria dos jogadores são negros que têm origens nas classes sociais mais baixas e dificilmente conseguem ocupar cargos de gestores, dirigentes, técnicos, empresários. Enfim, são excluídos de qualquer atividade quando encerram sua carreira esportiva.

No Brasil não é diferente, os jogadores de futebol que são em grande parte negros e também vêm de classes sociais baixas não conseguem, fora das quatro linhas, o mesmo sucesso que tiveram no campo. Segundo Pires (1998: 28) os cargos de gestão esportiva, os chamados “cartolas”, que são cobiçados pelo poder, popularidade e status que trazem, são comumente ocupados por políticos, pessoas que nunca foram esportistas profissionais e usam o esporte para conseguirem poder e se perpetuarem nos cargos, ou usam a popularidade adquirida no comando dos clubes como um trampolim para a carreira político-partidária.

Para citar um caso atual, de preconceito dentro do mundo esportivo, podemos falar sobre o ex-jogador e atual técnico de futebol Jorge Luis Andrade da Silva, conhecido como Andrade. A única pessoa a conseguir a façanha de ser seis vezes campeão brasileiro, uma vez pelo Vasco da Gama e as outras cinco vezes pelo Flamengo, a última em 2009, como treinador. Muniz (2011: 5) relata o caso de Andrade, desde quando este saiu de Minas Gerais. Como muitos meninos pobres (e negros), com o sonho de ser jogador de futebol profissional, com 16 anos começou a jogar nas categorias de base do Flamengo, seu alto rendimento fez com que ficasse no clube por muito tempo. Além do Flamengo, Andrade jogou em outros clubes nacionais, entre eles o Vasco da Gama e teve passagens pela Venezuela e Itália.

Após encerrar sua carreira como jogador, Andrade, em 2002, foi trabalhar como auxiliar técnico do Flamengo e por diversas vezes assumiu o cargo de técnico interino, ou seja, trabalhava como um substituto até que fosse contratado um novo técnico. No ano de 2009 o time do Flamengo vinha correndo grande risco de ser rebaixado no campeonato

brasileiro e a má campanha fez com que os diretores dispensassem o técnico Cuca e Andrade assumiria, mais uma vez, temporariamente. Como a situação do time era difícil, treinadores de ponta se recusavam a assumir o comando do clube. Enquanto não se arrumava um treinador efetivo, Andrade foi ficando no cargo e conseguindo bons resultados. Com a falta de opção de outros técnicos e com a pressão da torcida que sentia um carinho especial por Andrade e seu trabalho, a direção do Flamengo resolveu efetivá-lo no cargo de treinador. Ele não só tirou o time da zona de rebaixamento, mas fez o time campeão brasileiro, trabalhando por um salário bem menor do que treinadores de ponta recebiam (MUNIZ, 2011: 5-6).

Com a conquista do título brasileiro, todos davam como certa a permanência do treinador no clube, mas, quando a nova presidenta foi eleita, não entrou em acordo salarial com o técnico, mesmo este pedindo um salário abaixo dos treinadores da elite do futebol. Andrade foi demitido e Joel Santana foi contratado como novo treinador com um salário superior ao do treinador campeão (MUNIZ, 2011: 6). Andrade em 2009 entrou para um seleto grupo de treinadores negros que se consagraram como campeões brasileiros que conta com Carlinhos, Carlos Alberto Torres e Wanderley Luxemburgo. Apesar de a mídia ter exaltado que Andrade era um dos únicos treinadores negros a ser campeão brasileiro e feito algumas reportagens onde ele próprio afirmava que havia sofrido racismo dentro do Flamengo, o técnico rapidamente caiu no esquecimento, ficando cinco meses desempregado e não assumiu mais o posto de comando de grandes clubes do futebol nacional (MUNIZ, 2011: 6-7).

### **O negro nas Olimpíadas**

Pierre de Coubertin, historiador e pedagogo francês, cria o Movimento Olímpico inspirado nas descobertas arqueológicas a respeito dos antigos jogos gregos e nos modernos esportes ingleses. Na época a Inglaterra era uma grande potência mundial (SIGOLI E JUNIOR, 2004). Com a primeira Olimpíada em 1896, o esporte passa a ser cada vez mais

divulgado no mundo. Os Jogos Olímpicos são a vitrine do mundo esportivo. As grandes conquistas, os recordes, as histórias de superação ocorridas durante o evento são manchetes nos jornais, rádios e televisão. Muitos heróis surgem durante os Jogos, enquanto outros atletas são transformados em vilões. Para Elias e Dunning (1985: 325) os confrontos que ocorrem nos Jogos Olímpicos permitem aos representantes de diversas nações fazer disputas sem que ocorra a morte entre eles como na antiguidade. Embora o nacionalismo seja uma marca dos Jogos Olímpicos, o outro é um adversário, não um inimigo.

A história do negro nas Olimpíadas tem pontos altos e fatos lamentáveis. Um fato negativo é descrito por Pires (1998: 29) destaca a longa proibição de atletas da África do Sul de participarem de competições internacionais, inclusive dos Jogos Olímpicos, desde 1964 até 1988, em função do regime de “*apartheid*”. Há também muitas histórias de negros que se tornaram verdadeiros heróis em seus países, ficando conhecidos e admirados mundialmente. O lendário Jesse Owens se tornou um dos capítulos mais importantes da história do negro nas Olimpíadas. O “antílope de ébano”, como ficou conhecido por sua velocidade, saiu de Mississippi, estado norte-americano onde foram cometidas muitas atrocidades em nome do preconceito racial contra os negros, para ganhar quatro medalhas de ouro, nas provas de 100m rasos, 200m rasos, revezamento 4x100m e salto em distância. Este feito aconteceu na Olimpíada de Berlim, em 1936, justamente quando Hitler tentava propagar a ideia da supremacia da raça ariana, utilizando a Olimpíada como veículo de propaganda ideológica (OLIVEIRA, 2008).

Jesse Owens foi considerado um herói americano, talvez não tanto por suas conquistas em si, mas em função do contexto em que elas aconteceram. Ainda assim, se for feita uma análise mais detalhada pode-se perceber no seu apelido, que lhe foi dado pelos seus compatriotas, uma clara situação de discriminação, comparando o grande ídolo com um

animal, um ser irracional e não civilizado, perpetuando, assim, os estereótipos racistas (OLIVEIRA, 2008).

Em Seul, Coreia do Sul, no ano de 1988 foi a vez do nadador Anthony Nesty do Suriname de surpreender o mundo com sua medalha de ouro no nado borboleta, modalidade que exige maior esforço e técnica do atleta de natação e sempre foi dominada por brancos. Nesty treinava na única piscina oficial de 50m do Suriname, até que, pelos seus bons resultados, conseguiu uma bolsa de estudos na Universidade da Flórida, nos Estados Unidos. Ele se tornou o segundo nadador negro a ganhar uma medalha olímpica, o primeiro e único a ganhar uma medalha de ouro na natação nos Jogos Olímpicos (OLIVEIRA, 2008).

Outro exemplo que quebrou o discurso preconceituoso sobre a genética desfavorável do negro para a natação é o brasileiro Edvaldo Valério, primeiro negro a compor a equipe olímpica de natação brasileira, conseguindo o bronze na Olimpíada de Sydney, Austrália, em 2000, no revezamento 4x100 livre (OLIVEIRA, 2008).

Apesar de muitos atletas negros se destacarem nos esportes Olímpicos, estes excluem a cultura africana. A grande parte dos esportes disputados nas Olimpíadas é de origem europeia. Nenhuma das 28 modalidades esportivas disputadas nos Jogos Olímpicos teve sua origem no continente africano e, desde que se iniciaram as Olimpíadas Modernas em 1896, nenhum dos 28 Jogos Olímpicos teve como sede uma cidade africana.

Para Kishimoto (2000, apud MARANHÃO, 2009: 49), os jogos africanos podem ter encontrado barreiras para a sua popularização fora da África devido à barreira linguística. Explicação que parece plausível, considerando que as línguas de muitas tribos africanas não existem mais. Deram lugar aos idiomas europeus que foram impostos tanto na África quanto nas Américas.

A realidade é que as práticas desportivas dos africanos e afrodescendentes são consideradas como jogos e as práticas esportivas europeias levam o status de esportes. Na

visão da sociedade os esportes estão um degrau acima dos jogos. Os jogos seriam para pura e simples diversão, sem nenhum outro objetivo, principalmente sem, através dele, obter benefícios financeiros. Já os esportes, que em sua maioria surgiram na Inglaterra, no princípio também tinham como objetivo a prática descompromissada, ou seja, a atividade lúdica, mas hoje se tornaram uma fonte de renda para muitas pessoas e já não são mais tratados como uma mera atividade de lazer. Um jogador profissional, por exemplo, precisa treinar independente de sua vontade, pois ele tem contratos que devem ser cumpridos.

O esporte, que no passado era considerado tão somente como uma forma de lazer ou, em outras palavras, de descanso do trabalho, hoje se tornou o próprio trabalho para os atletas profissionais e outras pessoas que tem sua profissão ligada ao esporte. As atividades físicas da África não seguiram este caminho e ainda são praticadas simplesmente por prazer, suas regras são passadas de geração para geração sem que seja preciso a mídia para que sejam divulgadas. O jogo africano não tem a fama do esporte europeu, mas pode-se dizer que é a forma mais pura de jogo, como um dia foi o esporte que conhecemos na atualidade.

### **O papel da mídia reforçando os estereótipos no esporte**

Segundo Assunção et al. (2010: 96) a mídia influi e interfere no comportamento do público em geral, assim como dos esportistas. Através da mídia, o público pode ser manipulado. Ela age estimulando, restringindo e condicionando os telespectadores, estabelecendo padrões de consumo e formas de participação. Pires (1998: 32) fala sobre a interferência direta que a mídia produz no esporte, fazendo com que este adequasse suas regras, visando uma maior dinâmica televisiva.

Silva e Votre (2000: 70) revelam que os meios de comunicação, que em grande parte são gerenciados por grupos da elite dominante branca, estimulam a desigualdade étnico-racial utilizando linguagem metafórica e reproduzem as discriminações com um discurso que se

inicia negando tais discriminações. Muniz (2011: 9-10) relata que a participação de negros na mídia é quase nula considerando a proporção de afrodescendentes na população brasileira e a representação do negro pela mídia, onde os estereótipos e caricaturas são repetidos e reforçados, sustentando o racismo.

Podemos citar dois casos famosos de preconceito no esporte através da mídia. O primeiro e mais antigo é o caso do Maracanã, quando o Brasil perde a Copa do Mundo de 1950, em casa, para os uruguaios. O principal culpado, segundo a mídia, foi o goleiro negro Barbosa. As críticas ao goleiro não eram restritas à sua capacidade técnica, elas atingiam sua moral. Segundo as reportagens, o goleiro Barbosa seria um “tremedor”, não suportaria a pressão. Bastou uma falha sua para que fosse estigmatizado como goleiro não confiável. Esse estereótipo permanece até hoje. Embora a mídia não comente, ainda há um olhar diferente sobre os goleiros negros na atualidade (SILVA e VOTE, 2010: 75).

Outro caso de preconceito no esporte através da mídia aconteceu na Copa do Mundo de Futebol de 1998 com o jogador Ronaldo, um dos maiores artilheiros da história do país, principal jogador da seleção durante anos (SILVA e VOTRE, 2010: 77). Após o Brasil ter perdido o jogo da final para a França, a imprensa rapidamente descobre que o jogador Ronaldo havia sofrido uma convulsão, horas antes do jogo. O fato de o jogador ter se sacrificado, jogando mesmo com problemas de saúde poderia ser algo elogiável. Mas com a derrota, foi atribuída rapidamente a Ronaldo a culpa pelo fracasso. A imprensa novamente ultrapassa o limite do bom senso e lhe faz críticas pessoais. Segundo a imprensa ele teria “amarelado”, tal como Barbosa que teria “tremido”. E assim a mídia continua tentando questionar a capacidade psicológica dos jogadores negros.

Pode-se notar que, nesses dois exemplos onde os “culpados” pela derrota de um jogo são negros, as críticas não consideram os aspectos técnicos e atacam a dignidade do jogador. Em outros exemplos onde os jogadores criticados pela mídia são brancos, as críticas

permanecem no aspecto da capacidade técnica dos jogadores, como no caso da Copa de 1982, onde novamente o mais criticado foi um goleiro, mas desta vez branco. Valdir Perez recebe críticas sobre suas falhas nos gols que levaram o Brasil a perder o jogo para a Itália, e estas críticas são exclusivamente sobre as falhas técnicas do atleta. Na copa de 1986 novamente a imprensa toma como alvo as falhas de um determinado jogador, desta vez seria Zico, que não marcou um gol de pênalti no jogo contra a França. A mídia o critica de certa forma, mas atribui seu erro ao acaso, a algo inexplicável (SILVA e VOTRE, 2010: 76-77).

Outro fato importante que Muniz (2011: 10) revela é que no jornalismo esportivo o racismo pode ser exercido através da invisibilização racial. O tema racismo não é abordado nas situações onde ele está presente, porque não se constituiria como uma grande notícia ou não traria uma boa audiência, principalmente no noticiário esportivo. Agindo desta forma os meios de comunicação faltam com seu compromisso de informação e deixam de lado episódios racistas, camuflando-os e editando-os, fazendo com que o jornalismo esportivo se torne apenas um setor de entretenimento no meio jornalístico.

Para contribuir com o fim do preconceito étnico-racial, a mídia deveria agir identificando e desestabilizando tais discursos discriminatórios que estão presentes na televisão, no rádio, nos jornais, na internet, através de notícias, músicas, filmes, novelas, propagandas, que reproduzem antigos estereótipos para a população (GOELLNER et al. 2009). Esses discursos discriminatórios também surgem e se reproduzem no ambiente esportivo, os discursos e teorias sobre a eficiência do negro em alguns esportes são muito mais divulgados do que o preconceito que os atletas negros ainda sofrem, mesmo nos esportes em que a grande maioria dos praticantes é afrodescendente.

## **Considerações Finais**

Hoje o esporte é visto como um espetáculo da civilização. Esse fenômeno social transpassa a barreira da atividade física e interage com outras áreas como economia, cultura e saúde. A sociologia por muito tempo negligenciou o esporte como campo de estudo. Por anos os estudos na área esportiva ficaram restritos aos profissionais da educação física, mas hoje ele é visto como um campo rico para ser pesquisado. Os sociólogos compreendem que o esporte é um microcosmo da sociedade, que absorve e reproduz os fenômenos à sua volta.

Através do estudo do esporte no campo social podemos verificar a importância que este tem para a sociedade. Cada classe social dá a ele um valor diferente. Enquanto que crianças e jovens das elites sociais o praticam com fins de recreação, saúde, condicionamento físico e interação social, os jovens atletas das camadas mais baixas da sociedade veem nele uma forma, talvez a única, de ascensão social.

O esporte como um ambiente social, reproduz as diferenças e as desigualdades da sociedade. As elites mantêm, também através do esporte, seus padrões de discriminação social e preconceito racial. A exclusão fica evidente em algumas modalidades esportivas que são praticadas quase que exclusivamente por brancos, embora a maior parte da população brasileira seja negra ou parda. Uma das “justificativas” para que os negros não pratiquem determinados esportes de elite é a questão da genética. Na verdade, essa ideia está escamoteando uma verdade incontestável: os negros não praticam certos esportes porque são caros. A inconsistência da justificativa biológica já foi provada por alguns atletas negros que se destacaram em algumas modalidades de elite, mas, apesar disso, a exclusão se mantém.

No esporte nacional o negro vem conseguindo se incluir apenas em modalidades populares, onde o custo para a prática esportiva é baixo ou nenhum. Os bons resultados obtidos por atletas negros nas modalidades populares despertam o interesse dos cientistas. Alguns pesquisadores tentam explicá-los apontando mais uma vez para a genética do negro, afirmando que seria ela o principal fator dos resultados favoráveis do negro no esporte. Esses

estudiosos, muitas vezes, ignoram a cultura do negro e os processos históricos que fizeram com que a raça negra dependesse muito do seu físico.

A história do negro no futebol, esporte mais popular do país, não é diferente da história do negro no país. Quando o futebol chega ao Brasil os negros eram impedidos de praticá-lo. Com o tempo, o negro foi conquistando seu lugar devido à sua habilidade. Os times começam a permitir a participação do negro, pois percebem que estes os ajudariam a ganhar jogos e campeonatos. Mas fora das quatro linhas o negro ainda continua excluído. Nos cargos técnicos e de gestão a participação do negro é pequena. Mesmo no futebol, esporte com um grande percentual de atletas negros, os ex-atletas não conseguem se inserir em cargos técnicos e administrativos, encontram barreiras preconceituosas quase intransponíveis.

No esporte mundial ocorre o mesmo fenômeno. Analisando os Jogos Olímpicos, a maior competição esportiva do mundo, pode-se perceber que muitos atletas negros conseguem se destacar, principalmente em modalidades como o atletismo e modalidades coletivas com bolas como futebol, basquetebol, ou seja, em modalidades populares onde os custos para a prática do esporte não são elevados. Olhando mais criticamente para os Jogos Olímpicos, podemos averiguar que nenhuma Olimpíada até hoje foi disputada no continente africano e que nenhum esporte originário desse continente tornou-se esporte olímpico. Podemos perceber que o negro consegue uma inserção através de algumas modalidades esportivas, mas sua cultura é ignorada no ambiente esportivo.

A mídia também contribui para reprodução e reafirmação dos preconceitos raciais. Ela participa deste processo quando encobre os fatos racistas que ocorrem neste ambiente e também quando reforça certos estereótipos de preconceito contra atletas e dirigentes negros.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de, FERRAZ, Simone Cassoli, NOGUEIRA, Mônica, GALHARDO, Willian e RIBEIRO, Karoline. Aspectos contemporâneos do esporte: o sujeito e a racionalização”. In: M. A. B. ALMEIDA, A. S. SILVA e F. CORRÊA (orgs.), *Psicologia*

*política debates e embates de um campo Interdisciplinar*. São Paulo: EACH/USP. p. 137-148. 2012.“

ASSUMPÇÃO Luis Otávio Teles, SAMPAIO Tânia Mara Vieira, CAETANO Juliana Naves Neves, CAETANO JÚNIOR Marco Antônio e SILVA Junior Vagner Pereira. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte”. Brasília. Revista Brasileira de Ciência e Movimento.v. 18 n. 2 p. 92-99.Disponível em:<<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1154/1680>>. Acesso em: 17/12/12. 2010.“

BOURDIEU, Pierre.. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983

CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial: Memória do Futebol Brasileiro*. São Paulo: IBRASA. 1990.

DAÓLIO, Jocimar. *As contradições do futebol brasileiro*. Buenos Aires.*Educación Física y Deportes*.a. 3, n. 10, 05/1998.

ELIAS, Norbert. e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL. 1985.

FILHO, Américo Pellegrini..“Capoeira: da senzala às olimpíadas”. Caxias do Sul. *Revista do Programa de Pós-graduação em Turismo*.v. 1, n. 0, p. 1-11. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/357/296>>. Acesso em:18/12/12. 2009

FREYRE, Gilberto. “O negro no futebol brasileiro”. In: FILHO Mario Rodrigues “*O negro no futebol brasileiro*”. Rio de Janeiro: Mauad. P. 24-26. 2003.

GOBINEAU, Arthur de..“L’émigration au Brésil”. *Le correspondant*. Paris: Waille. 1874

GOELLNER, Silvana Vilodre, VOTRE, Sebastião Josué, MOURÃO, Ludmilae FIGUEIRA, Maecia Luiza Machado. 2009.*Gênero e raça: inclusão no esporte e lazer*. Disponível em:<<http://portal.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/generoRacaInclusaoEsporteLazer.pdf>>. Acesso em: 05/01/2013.

HOFBAUER, Andreas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: UNESP. 2006.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação*. São Paulo: Cortez. 2000.

LIMA, Gentil Soares de e NIERO, Roberto Ferreira. 2011.“A visão sociológica de Pierre Bourdieu sobre o esporte”. Umuarama.*Akrópolis*.v. 19, n. 2, p. 125-134. Disponível em:<<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/3964/2479>>. Acesso em: 16/01/2013.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto e TUBINO, Manoel José Gomes. 2009. “Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil”. Maringá. *Revista da Educação Física*.v. 20 n. 1 p. 7-16. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/5815>>. Acesso em: 14/02/13.

MARANHÃO, Fabiano. *Jogos africanos e afro-brasileiros nas aulas de educação física: processos educativos das relações étnico-raciais*. Dissertação de Mestrado em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2009.

MUNANGA, Kabengele. 2004. “A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil”. São Paulo. *Revista Estudos Avançados*.v. 18 n. 50 p. 51-56. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100005&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 28/03/2015.

MUNIZ, Raissa Gomes. *Racismo na mídia: uma análise da cobertura do técnico Andrade*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. 2001

NETO, Amarílio Ferreira, MATOS, Nelson Dagoberto de, CORREIA, Antônio Roberto Leite, SANTOS, Claudete dos, SANTOS Jailda e FERREIRA, Nildes Gonçalves. 1989. “A violência no esporte: uma abordagem interdisciplinar”. Santa Catarina. *Motrivivência*.n. 2, p. 49-52. Disponível em:<<http://150.162.1.115/index.php/motrivivencia/article/view/19270/17686>>. Acesso em: 15/12/12.

OLIVEIRA, Altemir. 2008. “A participação do atleta negro no esporte: das pistas de atletismo às pistas de Fórmula 1”. Buenos Aires. *Educación Física y Deportes*. a. 13, n. 126. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd126/a-participacao-do-atleta-negro-no-esporte.htm>>. Acesso em: 03/01/2013.

PIRES, Giovani de Lorenzi. 1998. “Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte”. Santa Catarina. *Revista da Educação Física*.v. 9 n. 1 p. 25-34. Disponível em:<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3824/2636>>. Acesso em: 23/12/12.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. 2004. “Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil”. Porto Alegre. *Sociologias*.a. 6. n. 11, p. 260-299. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/soc/n11/n11a12.pdf>>. Acesso em: 03/01/2013.

SIGOLI, Mario André e JUNIOR, Dante De Rose. 2004. “A história do uso político do esporte”. Brasília. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. v. 12 p.111-119. Disponível em:<[http://www.fug.edu.br/adm/site\\_professor/arq\\_download/arq\\_289.pdf](http://www.fug.edu.br/adm/site_professor/arq_download/arq_289.pdf)>. Acesso em: 07/01/2013.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo e VOTRE, Sebastião Josué. 2010. “Metáforas da discriminação no futebol brasileiro”. *Corpus et Scientia*.v. 6, n. 1, p. 65-80. Disponível em:<[http://www.unisuam.edu.br/corpus/pdf/Volume6n1/Artigo\\_5\\_volume6\\_n1.pdf](http://www.unisuam.edu.br/corpus/pdf/Volume6n1/Artigo_5_volume6_n1.pdf)>. Acesso em: 02/03/2012.

**Fabício Gregório**

Professor da rede municipal de ensino de Tabapuã - SP, professor da rede municipal de ensino de Catanduva – SP.

Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais pela UFSCAR - São Carlos.

**Beatriz Medeiros de Melo**

Doutora em Sociologia pela UFSCar - São Carlos  
Pós-doutoranda e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar.

Principais publicações:

- SILVA, M. A. M. ; MELO, B. M. ; APOLINÁRIO, A. P. . A família tal como ela é nos desenhos das crianças. Trabalho & Educação (UFMG), v. 21, p. 153-186, 2013.
- SILVA., M. A. M. ; MELO, B. M. ; MORAES, L. A. . Mulheres caipiras: dois olhares sobre o mundo rural paulista. Caravelle (Toulouse), v. 1, p. 77-106, 2012.
- MELO, B. M. ; SILVA., M. A. M. . Trayectorias migratorias: trabajadores rurales entre el Nordeste y los cañaverales de São Paulo/Brasil. In: LIMA, Fernando Herrera; BENENCIA, Roberto Benencia; LEVINE, Elaine Levine. (Org.). SER MIGRANTE LATINOAMERICANO, SER VULNERABLE, TRABAJAR PRECARIAMENTE. 1ed.Ciudad de México: Editorial Anthropos e UNAM, 2012, v. 1, p. 1-30.
- MELO, B. M. ; SILVA., M. A. M. ; BUENO, J. D. ; VETORRASSI, A. ; OCADA, F. K. ; MARTINS, R. C. ; GODOI, S. . Do karoshi no Japão à birola no Brasil: as faces do trabalho no capital mundializado.. Revista Nera, v. 7, n.1, p. 5, 2006.